

## Curso E.M.I Técnico em Mecânica: o estágio e a questão de gênero

### RESUMO

Josiane de Souza Surmani  
E-mail: josiane.sociologia@gmail.com  
Instituto Federal do Paraná, Paranaguá,  
Paraná, Brasil

Cíntia de Souza Batista Tortato  
E-mail: cintia.tortato@ifpr.edu.br  
Instituto Federal do Paraná, Paranaguá,  
Paraná, Brasil

Este trabalho tem por finalidade compartilhar os resultados de uma pesquisa sobre as dificuldades das alunas do Curso de Ensino Médio Técnico em Mecânica de uma Instituição de ensino médio integrado ao técnico do litoral do Paraná em conseguir uma vaga de estágio. O presente artigo teve origem em um trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, em decorrência disso o objetivo deste artigo é tecer análises a partir da categoria gênero para compreender as supostas dificuldades femininas em comparação com as masculinas. A metodologia utilizada foi de levantamento bibliográfico relacionado à categoria gênero e a conceitos da sociologia do trabalho que trata da demarcação de gênero no trabalho. O levantamento de dados foi de forma qualitativa por meio de questionários com questões fechadas e mistas que tinha como objetivo levantar informações sobre a população pesquisada de forma geral e por sexo e entrevistas estruturadas com estudantes de forma a apreender as diferenças entre as estudantes e os estudantes na percepção geral sobre o estágio. Na análise dos resultados dos questionários, os primeiros resultados apontam que as estudantes e os estudantes enfrentam dificuldades diferentes, ligadas à construção social de gênero em nossa sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino Técnico. Ensino Tecnológico. Estágio. Gênero. Trabalho.

## INTRODUÇÃO

A introdução deve conter a motivação para a pesquisa, o objetivo e a metodologia aplicada na realização da pesquisa. As profissões carregam o estigma cultural da construção de gênero de cada sociedade, o trabalho exercido por homens e mulheres é diferente; é comum a mulher realizar trabalhos relacionados ao cuidado e a reprodução da vida enquanto que o homem realiza trabalhos produtivos “os trabalhos exercidos pelos homens têm hierarquia sobre o trabalho exercido pelas as mulheres” (HIRATA, 2007, p. 599).

A educação técnica tem como objetivo formar mão de obra qualificada para atuar no mercado de trabalho. O estágio é o momento central da formação profissional. Esta pesquisa tem como tema o estágio no ensino técnico e as questões de gênero. O interesse em desenvolver a pesquisa se deu durante o curso de Licenciatura em Ciências Sociais no Instituto Federal do Paraná (IFPR), campus Paranaguá.

A cidade de Paranaguá tem o Porto de Paranaguá como maior empregador, historicamente a mão de obra utilizada é masculina e está relacionada ao trabalho braçal. A reestruturação produtiva no porto de Paranaguá, impulsionada pela Lei da modernização dos Portos, na década de 90. Permitiu a entrada de tecnologias para a movimentação de cargas, além de grandes mudanças na comunicação, com a introdução da internet e tecnologias aplicadas à logística e fiscalização. O avanço tecnológico possibilitou que a mão de obra braçal fosse substituída por mão de obra especializada, em decorrência disso a formação técnica ganhou grande importância para aqueles que almejam conquistar uma vaga de emprego.

Para suprir a escassez de mão de obra especializada surgem os cursos técnicos. Durante o processo de formação é possível encontrar espaços que oferecem resistência à entrada de mulheres em cursos e profissões ocupados, tradicionalmente por homens.

Reafirmando essa resistência o curso de Técnico em Mecânica integrado ao Ensino Médio também, historicamente, ocupado majoritariamente por pessoas do sexo masculino hoje sofre uma transformação de cenário, pois agora recebe considerável número de estudantes do sexo feminino. No entanto, apesar do aumento na participação das estudantes nos cursos é comum perceber a oferta de vagas de estágio direcionadas indivíduos do sexo masculino, impossibilitando que as estudantes tenham acesso ao trabalho prático que é obrigatório para a conclusão do curso e recebimento do diploma.

Para atingir o objetivo definido, o primeiro procedimento da pesquisa foi a revisão de literatura que contemplou a categoria gênero, pois se trata de uma pesquisa que aborda as diferenças entre homens e mulheres. Para instrumentalizar teoricamente a discussão, foram utilizadas também contribuições teóricas da sociologia do trabalho. Utilizou-se a Legislação, livros e artigos de revistas científicas para o resgate histórico do Ensino técnico no Brasil e abordagem da construção histórica da separação das profissões e do aprendizado por sexo. E apresenta-se por fim a contextualização do curso pesquisado e a vivência do estágio segundo a percepção das/os estudantes.

## METODOLOGIA

Neste item devem ser expostos os conceitos que embasarão as análises. O objetivo geral da pesquisa concentrou-se em investigar se existem maiores dificuldades para as estudantes do Curso de Técnico em Mecânica integrado ao Ensino Médio do IFPR-Paranaguá em conseguir vagas de estágio na área de formação em relação aos estudantes.

A pesquisa foi realizada a partir de dados coletados por meio de entrevistas com as/os estudantes do curso de Ensino Médio Técnico-integrado em Mecânica integrantes da turma que ingressou na instituição em 2013 (MEC 13), entrevista com a coordenação de estágio do curso e a coordenação de estágios do IFPR, campus Paranaguá.

A pesquisa utilizou o método de estudo de caso, no qual foram aplicados questionários com os estudantes e as estudantes, e entrevistas com os servidores responsáveis pelo estágio. Os dados quantitativos que foram obtidos foram utilizados para complementar as análises qualitativas. Fez-se necessário também, realizar pesquisa nos arquivos de documentos oficiais de estágio da Instituição de ensino.

## DESENVOLVIMENTO

O conceito de gênero utilizado na pesquisa parte da definição da historiadora, pós-estruturalista, estadunidense Joan Scott que traz as construções gênero relacionadas ao sexo salientando que o sexo biológico tem sido um fator delimitador. A autora ressalta que limitando mulheres e homens a papéis sociais, onde feminino é entendido como submisso ao masculino, além de, sempre ter suas competências morais e intelectuais inferiorizadas (SCOTT, 1990).

A socióloga Maria L. Q. Moraes levanta questões relacionadas ao limite do uso do conceito de gênero e atenta para os limites semânticos e culturais de interpretação presente em diferentes países. Ela destaca que a categoria de gênero tem sido referência às análises que tem como tema central o feminino-(MORAES, 1998).

Com um posicionamento crítico, voltado ao mundo do trabalho, a socióloga francesa, marxista, Danièle Kergoat (2009) apresenta a divisão do trabalho por sexo, onde o feminino está relacionado a trabalhos com menor importância social e por fim, menor remuneração. Atenta para as condições sociais e materiais que vivem homens e mulheres que estão além de questões biológicas divididas em dois grupos. Explica que:

Eles formam dois grupos sociais envolvidos numa relação social específica: as relações de sexo. Estas, como todas as relações sociais, possuem uma base material, no caso o trabalho, e se exprimem por meio da divisão social do trabalho entre os sexos, chamada, consciente, divisão sexual do trabalho. (KERGOAT, 2009, p. 67).

Ainda, do referencial da sociologia do trabalho, Helena Hirata, especialista em sociologia do trabalho e gênero, reforça o princípio de separação e o princípio hierárquico. Segundo a autora o trabalho é dividido entre homens e mulheres. Sendo que as funções exercidas pelos homens continuam sendo hierarquicamente

consideradas pela sociedade de maior valor em relação as funções desempenhadas pelas mulheres:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; esta forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.) (HIRATA, 2007, p. 67).

As contribuições teóricas das autoras citadas colaboram para estabelecer o campo de discussão desse artigo, onde as questões de gênero se apresentam como definidoras de acesso, permanência e possibilidades de inserção no mercado de trabalho no universo da formação que integra ensino médio, técnico e preparação para o trabalho<sup>2</sup>.

Conforme explica Cunha (2005) no início do ensino técnico no Brasil os cursos eram separados por sexo, para os homens eram oferecidas as profissões tradicionalmente consideradas aptas ao sexo masculino, já os cursos direcionados ao sexo feminino reforçavam o papel social da mulher ligada às atividades de cuidado, alguns foram abertos a ambos os sexos.

A expansão do ensino profissionalizante passou por muitas etapas de construção da sociedade. Durante a Ditadura Militar, a política desenvolvimentista, promoveu o crescimento da oferta de Educação profissionalizante tornando o segundo grau Técnico-profissional pela Lei nº 5.692/71. Em 1978 a criação dos Centros Federais de Educação tecnológica-CEFETs teve como finalidade formar tecnólogos e engenheiros de operação. Em 1994 a Lei nº 8.948 instituiu através do seu artigo primeiro que "(...) o Sistema Nacional de Educação Tecnológica, integrado pelas instituições de educação tecnológica" com vínculo ou subordinadas ao Ministério da Educação. (BRASIL, 1994).

A expansão da Rede Federal de Ensino Profissionalizante unificou diferentes instituições de ensino que ofertavam ensino profissionalizante, formando assim os Institutos Federais em 2008 com a Lei nº 11.892. Apesar do esforço de ofertar educação ao maior número de pessoas para suprir a carência de mão de obra qualificada no Brasil, algumas barreiras ainda se mantiveram como a inserção das mulheres em campos historicamente masculinos.

Em se tratando do contexto brasileiro após a criação dos Institutos Federais em 2008, Elza Ferreira Santos, em sua pesquisa "(Des) construções de gênero: a trajetória de uma mecânica, ex-estudante do IF-SE" apontou que naquele Instituto Federal havia um pequeno número de mulheres em cursos tradicionalmente ocupado por homens. Ao entrevistar uma das formandas, a estudante diz que procurou o curso "(...), por questões econômicas, o desejo de inserir-se no mundo de trabalho foram definidores da escolha" (SANTOS, 2011, p. 105). A mesma segue o relato dizendo que enfrentou inúmeras barreiras durante o curso, relacionadas ao fato de ser mulher e estar cursando um curso relacionado culturalmente a homens. As dificuldades aumentaram ao buscar uma vaga de estágio onde encontrou a aplicação de regras diferentes pelo fato de ser mulher/estudante, a estudante relata que: "Este duraria três meses. O fato lhe causou estranhamento,

pois os meninos costumam estagiar nessa mesma empresa Petrobrás por seis meses” (SANTOS, 2011, p. 107).

De acordo com a legislação é proibido qualquer tipo de práticas discriminatórias de gênero no ambiente de trabalho, no ensino, na sociedade, mas, essas práticas permanecem transitando entre os diversos meios sociais, pois são práticas de caráter cultural/social.

Compreender a construção de gênero na ciência e no trabalho é necessário, pois desde o início da história da humanidade o trabalho é realizado a partir da divisão entre homens e mulheres. A historiadora Michele Perroux (2013) no livro “Minha história das mulheres” resume pontos da história tendo como foco a mulher. É perceptível em seu livro a relação desigual entre homens e mulheres em todas as esferas. Os padrões culturais geralmente compreendem a mulher em lugares privados, já para os homens desde a tenra infância é ensinado a assumir os espaços públicos e lutar pelo poder. A autora, em seu livro, desconstrói este pensamento e mostra a mulher como protagonista na história.

Ilana Löwy (2009), professora e pesquisadora polonesa, explica que a ciência é espaço dominado pelo masculino e por fim é estendida ao ensino profissionalizante. A ciência é um campo de luta pelo poder, ao perceber que a ciência tem cor, sexo e nacionalidade dominante. A autora afirma que:

As pesquisas nesse campo assumem que as definições vigentes de neutralidade, objetividade, racionalidade e universalidade da ciência, na verdade frequentemente incorporam a visão de mundo das pessoas que criaram essa ciência: homens- os machos- ocidentais, membros das classes dominantes. (LÖWI, 2009, p. 40).

Corroborando com esta afirmação, a professora e pesquisadora, Nanci Stancki da Luz (2005). A pesquisadora explica que o Ensino profissionalizante deriva estruturalmente da ciência e traz consigo algumas construções sociais. A ideologia predominante de que a mulher não é capaz de ter características atribuídas ao masculino. Para a autora:

A ciência e a tecnologia foram construídas socialmente e historicamente como espaços de atuação masculina, estruturando-se inicialmente a partir de princípios que se associavam a atributos considerados masculinos tais como racionalidade, objetividade e universalidade. (LUZ, 2005, p. 30).

O ensino profissionalizante é uma das premissas da formação de mão de obra disponível no mercado de trabalho<sup>3</sup>, portanto as desigualdades de gênero nesta modalidade de ensino se refletem no mercado de trabalho. O estágio obrigatório no ensino tecnológico é essencial para a formação do futuro profissional. A entrada da/o jovem estudante no mercado de trabalho é um momento de transição marcada pela falta de experiência, o estágio obrigatório deve sanar parte dessa exigência do mercado de trabalho. O estágio tem como objetivo “refletir sobre a realidade teoria-prática-teoria, não isoladamente, mas em sua totalidade, complexidade de cada um” (FAZENDA, 1991, p. 10).

As instituições de ensino profissionalizante têm como base a Lei de Estágios nº 11.788/2008 para a construção de propostas norteadoras que regulamentam o estágio de seus estudantes. Essa etapa é obrigatória e é considerada uma disciplina

essencial do currículo do curso, definido em seu projeto pedagógico e com carga horária pré-estabelecida o qual é de suma importância para a conclusão do curso. Conforme a Resolução nº 2 de 26 de março de 2013, que “Regulamenta os Estágios no âmbito do IFPR”, elaborado pelo IFPR (2013, p. 5) “O Estágio Curricular constitui um momento de aquisição e aprimoramento de conhecimentos e de habilidades essenciais ao exercício profissional, que tem como função integrar teoria e prática.” O estágio é o momento em que o estudante tem contato com a realidade do trabalho. Experimentando na rotina da profissão, seus desafios e habilidades.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para obtenção dos dados foi elaborado um questionário, este foi dividido em três partes, a primeira direcionada ao perfil sociodemográfico com questões fechadas, a segunda com questões relacionadas ao curso e na terceira fase as questões do estágio. Na segunda e terceira fase algumas questões são mistas, onde, após selecionar a opção o/a estudante deve fazer a justificativa. Dadas as similaridades entre as justificativas optamos por separá-las por categorias

O perfil sociodemográfico é essencial para os estudos de gênero, pois raça, classe social e gênero geralmente estão intrinsecamente ligados, no entanto, “sugere uma paridade entre os três termos que na realidade não existe” (SCOTT, 1989.p.4). Neste trabalho adotamos os critérios utilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para definição de raça/cor e para classe social a classificação da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP).

Nesta instituição, a turma de 2013 apresentou o percentual de 25% de estudantes do sexo feminino, dado que em geral as turmas do Curso de Mecânica apresentam a presença majoritária de homens, a turma pesquisada foi escolhida por apresentar características diferentes ao que em geral ocorre neste curso.

Do total de 24 estudantes, apenas 22 participaram do estudo. Dois estudantes não participaram, pois não estavam seguindo o semestre letivo em paridade com a turma. Dos 22 estudantes, 11 são do sexo feminino e 11 do sexo masculino. Destes, 14 estudantes têm 18 anos, 2 estudantes têm 19 anos e 6 tem 20 anos. Portanto, encontram-se na faixa etária de juventude

Quanto ao pertencimento racial no geral a auto declaração foi de 45% branca, 41% parda, 9% preta e 4% amarela. Analisando-os em grupo, as estudantes declararam-se 45,5% branca, 36,5% parda, 9% preta e 9% amarela. Ao analisar os dados sobre raça na instituição observamos que essa característica de predominância branca e parda é observada na instituição como um todo, mesmo com a política de 80% de estudantes derivados de cotas (IFPR/PPP, 2012, p. 24).

Nas entrevistas individuais foram coletados dados sobre a organização dos estágios e ao analisar as respostas tornou evidente a distinção de sexo na seleção de estudantes para as vagas de estágio, a maioria das estudantes é selecionada para as vagas de auxiliares de administração, a maioria dos estudantes atua em ambientes, por vezes insalubres, na função de auxiliar em manutenção mecânica. Poucos alunos de ambos os sexos conseguiram estágios como Técnico em mecânica.

Ambos os grupos obtiveram resultados similares quanto às dificuldades enfrentadas durante o curso. As estudantes afirmaram não ter dificuldades com disciplinas relacionadas à área de exatas. Tanto meninos quanto meninas



afirmaram dificuldades em certas disciplinas do curso. As estudantes indicaram dificuldades nas disciplinas: Resistência dos materiais, Automação e Máquinas Térmicas. Os estudantes em: Resistência dos materiais, Estágio e Máquinas térmicas.

Os estudantes afirmaram que a questão da proatividade no estágio foi um grande empecilho, sendo exigida também força, resistência física e agilidade. Deste modo, a dificuldade dos estudantes na Disciplina de estágio, mostra que os homens também sofrem com a construção social e cultural de gênero.

Analisando o perfil das empresas que ofertam vagas de estágio, dividiu-se em categorias, onde: 42,2% dos estudantes e 26,3% das estudantes estagiaram em multinacionais. Realizaram o estágio no IFPR 15,5% das estudantes e 10,5% dos estudantes e 1 estudante (sexo feminino) não realizou estágio. Considera-se que as multinacionais contratam um maior número de aprendizes, por ter um maior número de funcionários e, portanto, necessitam contratar uma porcentagem maior de menores aprendizes, em cumprimento da Lei 10.097/2000.

Por meio de questões fechadas analisou-se a percepção do estágio para a/o estudantes. As respostas da turma são divididas em dois grupos, conforme o gênero. Em alguns pontos encontramos concordância entre os dois grupos, mas outras questões apresentam contrariedades.

Todos/as os/as estudantes afirmaram que “O estágio é importante para a formação profissional”. Mas quando questionados se “o estágio atende às suas expectativas em relação à aquisição de novos conhecimentos e experiência?” Somente os estudantes são unânimes em afirmar que sim, entre as estudantes 73% afirmam que sim e 27% dos estudantes afirma que não. O mesmo resultado repete na questão “O ambiente de estágio tem possibilidade à interação com diversos profissionais e a troca de conhecimentos e experiências?”. Percebe-se que as estudantes encontram mais barreiras no estágio que os estudantes.

Os dois grupos têm a mesma resposta para a questão “As atividades que você desenvolve estão de acordo com as descritas no Termo de Compromisso de Estágio?” 73% afirmam que sim e 27% afirmam que não. Os dois grupos também concordam com a questão “Você tem encontrado dificuldade para solicitar orientações durante o estágio e, quando as solicita, obtém esclarecimentos suficientes?” 64% afirmam que sim e 36% afirmam que não. As estudantes afirmaram em entrevista que a Instituição deveria fiscalizar as atividades desenvolvidas por elas. Já os estudantes relatam que o ambiente do estágio por vezes é insalubre.

Os questionários mostraram que o grupo de estudantes em sua maioria tem dificuldades similares independente do sexo, as maiores dificuldades são impostas pela Instituição de ensino e empresas que ofertam as vagas de estágio.

Segundo as estudantes, uma das empresas (multinacional) onde estagiam na área de manutenção de máquinas e equipamentos não é feita distinção entre os sexos, além de sempre ser reforçada a igualdade de oportunidades entre os gêneros. Nesta mesma empresa abusos relacionados a gênero são duramente combatidos.

Em sua maioria as estudantes se mostraram mais críticas que os estudantes, em relação às expectativas com o estágio e com os profissionais já atuantes na empresa. As mulheres afirmaram que o conhecimento adquirido durante o curso deixou falhas que foram sentidas durante o estágio.

Uma das estudantes relatou que ao realizar estágio na área da produção “um

dos profissionais sempre tirava a chave de suas mãos, até o dia em que a Chefia o advertiu” (sic). As estudantes na entrevista mostraram que geralmente sofrem alguma forma de manipulação para neutralizar a sua ação profissional.

A presença de mulheres em cargos de chefia possibilita que outras mulheres possam acessar e ascender em profissões que historicamente foram ocupadas, em sua grande maioria por homens.

O grupo de estudantes tem paridade quando questionados se trabalham, 50% afirmam que trabalham e 50% afirmam que não trabalham. Analisando o grupo de estudantes, separados por sexo, observou que o grupo composto pelas estudantes, apenas 36% trabalha e o grupo composto pelos estudantes 64% trabalham. A diferença entre os dois grupos pode ser explicada pela renda da família, onde a família das estudantes tem renda média maior que a renda média da família dos estudantes. O trabalho dos estudantes está diretamente relacionado à obrigatoriedade do estágio para a formação. Esta questão, por sua vez, está diretamente relacionada à outra questão, sobre a necessidade de entrar no mercado de trabalho.

Na questão “Qual a necessidade de entrar no mercado de trabalho?” Obtiveram-se os seguintes resultados: 64% das estudantes afirmam ter pouca necessidade de entrar no mercado de trabalho e 36% afirmam ter urgência em entrar no mercado de trabalho. Já no grupo dos rapazes 36% disseram ter pouca necessidade, 36% afirmam que tem urgência, e 28% afirmam ter nenhuma necessidade de entrar no mercado de trabalho. Apesar da diferença entre a renda familiar das estudantes em relação aos estudantes, parte dos estudantes não sente nenhuma necessidade de entrar no mercado de trabalho.

A renda familiar, pode ser um item que forneça limitações ou possibilidades dentro do curso, estágio, perspectivas e percepções de trabalho e formação acadêmica/profissional. Quanto à renda familiar, as estudantes declararam que 54,4% recebem acima de R\$4.401,00, enquanto que para o grupo dos estudantes apenas 18% tem a renda familiar similar. Conforme tabela abaixo:

Tabela 01: Renda média familiar

Considerando a renda de todos os integrantes de sua família incluindo você.	Feminino	Masculino
R\$ 880,00 a R\$ 1.760,00	-	10%
R\$ 1.761,00 a R\$ 2.460,00	10%	18%
R\$ 2.460,00 a R\$ 3.520,00	18%	36%
R\$ 3.520,00 a R\$ 4.400,00	18%	18%
Acima de R\$ 4, 401,00	54%	18%
Total	100%	100%

Fonte: Dados da pesquisa - Elaboração própria

A renda familiar está diretamente ligada à escolarização dos pais. Para chegar a esta conclusão foi necessário analisar cada questionário e observar a relação de escolaridade dos pais e a renda declarada pela/o estudante. Os pais que possuem formação maior têm rendimentos maiores. Entre as/os estudantes não foram observadas grandes diferenças de renda entre as/os que se declararam branca/o ou parda/o apesar da pequena diferença de 7% aponta que as/os estudante brancas/os recebem em sua maioria acima de R\$4401,00.



Também foi observado que alguns estudantes declararam só a escolaridade de um dos pais. Veja o comparativo de escolaridade dos pais divididos por sexo na tabela abaixo:

Tabela 02: Escolarização dos pais

Sobre escolarização de seus pais?	Ensino Fundamental		Ensino Médio		Ensino Superior		Pós Graduação	
	F	M	F	M	F	M	F	M
Estudante do sexo:								
Seu pai estudou até	27%	9%	27%	73%	46%	19%	0%	0%
Sua mãe estudou até	18%	18%	18%	41%	46%	27%	18%	14%

Fonte: Própria autora

Sobre a questão da escolarização dos pais. Em ambos os grupos as mães apresentam maior escolaridade que os pais. No caso das estudantes a escolaridade de ambos os pais é maior, conforme tabela 02. Números parecidos são encontrados no Projeto Político Pedagógico (PPP) do IFPR (2012, p. 28): “interessante observarmos que embora haja um maior número de pais que concluíram o Ensino Médio, são as mães, de um modo geral, que prosseguem seus estudos para o nível superior ou para pós-graduação.”

Esse resultado corrobora com os dados atuais que mostram que as mulheres têm mais escolaridade que os homens (IBGE, 2010). A análise dos dados apresentados mostra que as estudantes possuem um “capital cultural” maior que os estudantes devido à escolarização da mãe e maior renda familiar. As famílias das estudantes têm em sua composição características econômicas encontradas acima da média da população parnaguara.

O estágio obrigatório se confirmou como ponto central da permanência da construção desigual de gênero, limitando estudantes a ambientes privados e públicos conforme o seu gênero, não considerando as particularidades de cada indivíduo.

Uma das estudantes que conseguiu estágio como Técnica em mecânica declarou que prefere atuar em trabalhos braçais na manutenção de grandes máquinas no porto de Paranaguá. Ela também disse que o ambiente administrativo lhe ofertava sobrecarga de trabalho intelectual e físico.

Para Hirata (2002, p. 197)

A relação diferenciada das mulheres e dos homens com a técnica e no que diz respeito à qualificação encontra-se no centro da divisão sexual do trabalho que se dá, hoje, com a maior instalação de novas tecnologias.

Nesse sentido, no caso das atividades de estágio técnico em Mecânica, a presença de máquinas continua demarcando o espaço como masculino apesar de que seu manejo não requer mais a força bruta que era necessária em outros tempos.

A pesquisa em documentos oficiais da Instituição de ensino mostrou poucas instruções referentes ao estágio. Os relatórios não contêm referências a conteúdos trabalhados no curso com atividades realizadas no estágio.

Nas entrevistas com os servidores da instituição de ensino a pessoa

responsável pela seção de estágio afirmou ter promovido ações educativas e formativas sobre a igualdade de gênero no acesso de estudantes a vagas de estágio, apesar da relutância de algumas empresas em aceitar que as estudantes atuem em ambientes e funções historicamente ocupadas por homens. As empresas e a própria instituição demonstram não perceber as desigualdades que perpetuam e até justificam com base em estereótipos arraigados pela cultura, Londa Schiebinger (2008, p. 273, grifo da autora) explica:

Uma cultura é mais do que instituições, regulações legais ou uma série de diplomas e certificados. Ela consiste em suposições e valores não declarados de seus membros. A despeito dos clamores de objetividade e de valor neutralidade, as ciências encerram culturas identificáveis, cujos costumes e hábitos desenvolveram-se ao longo do tempo. Muitos desses costumes desenvolveram-se historicamente não contando com a presença das mulheres e, além disso, como argumentei em outro trabalho, em **oposição à participação delas..**

A maioria dos estudantes durante a entrevista afirmou que o IFPR deveria incluir o estágio na grade curricular como é realizado nas licenciaturas, além de, ofertar a disciplina dentro da própria instituição, já que a mesma possui espaço físico e maquinários básicos para ofertar o estágio e oficinas práticas. Mesmo antes de a pesquisa chegar ao final das suas conclusões, já foi possível observar resultados favoráveis, a exemplo dos novos anúncios de vagas de estágios publicizados na Instituição não apresentarem mais a indicação de sexo.

Durante a pesquisa a questão sobre as competências que devem ser trabalhadas no curso objetivando preparar bem as/os estudantes/os para o desenvolvimento nos estágios também foram levantadas. Pois segundo as/os estagiárias/os o estágio não está cumprindo sua função principal de promover a vivência profissional na área destinada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário repensar sobre a educação nas instituições de ensino, relacionando o mundo do trabalho como espaço para ambos os gêneros. O acesso e a permanência de mulheres a educação profissional são conquistas necessárias para que mulheres possam acessar profissões que tem maior remuneração e reconhecimento social. O acesso a conhecimento tecnológico possibilita as mulheres ocupar espaços de poder dentro de empresas. Deste modo, é possível, repensar o espaço ocupado por todos, permitindo que mulheres ocupem funções que historicamente foram ocupadas somente por homens.

As estudantes demonstraram ter as mesmas dificuldades que os estudantes no curso. O estágio possibilitou evidenciar as construções de gênero no mercado de trabalho, onde as relações sociais se sobressaíram as profissionais, prejudicando o processo de ensino aprendizagem. Contudo, segundo Santos (2010, p. 7): Concluir o curso é apenas o primeiro degrau da escala “incomum”. Não raro, sabemos, posteriormente, terem sido empregadas em empresas como secretárias ou em outras funções administrativas.

A mulher para ocupar os espaços que culturalmente foram construídos por homens e para os homens precisam estar atentas às pequenas violações e

silenciamentos que está sendo submetida. A invisibilidade de mulheres nesses espaços permite que o patriarcado<sup>1</sup> continue legitimando uma educação sexista.

A reestruturação produtiva no porto de Paranaguá, impulsionada pela Lei da modernização dos Portos, na década de 90, possibilitou que o trabalho braçal fosse rapidamente trocado pelo trabalho de máquinas. E as máquinas, além de, reduzirem o número de trabalhadores, promoveram a entrada de trabalhadores com conhecimento tecnológico, o que ocasionou a entrada de mulheres na zona portuária, como trabalhadoras especializadas e capacitadas para ocupar desde os altos cargos até as aprendizes.

A reconfiguração da ocupação dos espaços públicos e privados destas empresas e a presença feminina nos casos de chefia e seus entendimentos sobre a inserção da mulher nestas áreas se faz urgente e se apresenta como benéfica tanto para a dimensão pública quanto a privada. É necessário trazer à luz os estereótipos e preconceitos de gênero que ainda persistem nos espaços em geral, e, sobretudo, nos espaços de ciência e tecnologia.

## E.M.I Technical Course in Mechanics: the internship and the gender issue

### ABSTRACT

This paper aims to share the results of a research on the difficulties of the students of a technical course in mechanics of an Institution of secondary education integrated to the Technician of the coast of Paraná to obtain a place of internship. Being a work of conclusion of the course of Degree in Social Sciences, the present work had the objective to weave analyzes from the gender category to understand the supposed feminine difficulties in comparison with the masculine ones. The methodology used consisted of a bibliographical survey related to the gender category and concepts of the sociology of work that deal with the demarcation of gender at work. The data collection was qualitative through questionnaires with closed and mixed questions to raise information about the population researched in general and by sex and structured interviews with students in order to apprehend the differences between the students and the general perception about internship. In the analysis of the results of the questionnaires, the first results show that students and students face different difficulties, linked to the social construction of gender in our society.

**KEYWORDS:** Technical Education. Technological Teaching. Internship. Gender. Work.

## Curso E.M.I Técnico en Mecánica: la practica y la cuestión de género

### RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo compartir los resultados de una encuesta sobre las dificultades de las estudiantes de la Escuela Secundaria del Curso Técnico Mecánico de una institución de educación secundaria integrada de la costa de Paraná en conseguir un puesto de prácticas. Este artículo se originó en una obra de finalización de la Licenciatura en Ciencias Sociales, el propósito de este artículo es para tejer el análisis de la categoría de género para comprender las dificultades alegadas femeninas en comparación con las masculinas. La metodología utilizada fue una literatura relacionada con la categoría de género y sociología del trabajo de los conceptos relacionados con el trabajo de demarcación de género. Los datos del estudio fue cualitativamente a través de cuestionarios con preguntas cerradas y mixtas que tuvo como objetivo recoger información sobre la población investigada en las entrevistas estructuradas en formas generales y por sexo con los estudiantes con el fin de entender las diferencias entre las estudiantes y los estudiantes la percepción general sobre la etapa. Al analizar los resultados de los cuestionarios, los primeros resultados muestran que las estudiantes y los estudiantes se enfrentan a diferentes problemas, vinculados a la construcción social del género en nuestra sociedad.

**PALABRAS CLAVE:** Educación técnica. Educación tecnológica. Etapa. Género. Trabajo.

## NOTAS

<sup>1</sup> Sistema social em que os homens exercem uma opressão sobre as pessoas do sexo feminino, apropriando-se por meios pacíficos ou violentos da sua força produtiva e de reprodução. SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

<sup>2</sup> [...] Atividade útil que busca a apropriação dos produtos da natureza sob uma ou outra forma, o trabalho é a condição natural da existência humana, a condição, independentemente de todas as formas sociais, do intercâmbio da matéria entre o homem e a natureza. Ao contrário, o trabalho que cria valor de troca é uma forma de trabalho especificamente social [...]. (MARX, 2008, p.62-63).

<sup>3</sup> Compreende-se a definição dada pelo Art. 2º A Educação Profissional e Tecnológica, nos termos da Lei nº 9.394/96 (LDB), alterada pela Lei nº 11.741/2008, abrange os cursos de: I - formação inicial e continuada ou qualificação profissional; II - Educação Profissional Técnica de Nível Médio; III - Educação Profissional Tecnológica, de graduação e de pós-graduação.

<sup>4</sup> [...] conjunto de ofertas e de demandas de emprego se confrontam e as quantidades ofertadas e demandadas se ajustam em função do preço, isto é, dos salários no mercado de trabalho. (OLIVEIRA, 2011, p.1519).

<sup>5</sup> Bourdieu (2007).

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **LDB**. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em: 10 out 2016.

BRASIL. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica v. 2, n. 2, (nov. 2009). – Brasília: MEC, SETEC, 2009.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. 2 ed. – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: FLACSO, 2005.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; PICONEZ, Stela C. Bertholdo (Coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas (SP): Papirus, 1991.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?: Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2002.

IFPR. **Anúncio de vaga de estágio na página do curso**. Disponível em: <<http://paranagua.ifpr.edu.br/cursos/mecanica-e-eletromecanica/vaga-de-estagio/>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

IFPR. **Plano de Desenvolvimento Institucional: PDI-2009 – 2013.** IFPR: Curitiba, 2009.

IFPR. **RESOLUÇÃO nº 2 de 26 de março de 2013.** Regulamenta os Estágios no âmbito do IFPR. IFPR: Curitiba, 2013.

IFPR. **PPP:** Projeto Político Pedagógico. IFPR: Paranaguá (PR), 2012. Disponível em: <[http://paranagua.ifpr.edu.br/wpcontent/uploads/2013/12/ProjetoPol%C3%ADtico\\_Pedag%C3%B3gico\\_21\\_jan\\_2013\\_final\\_com-numero-pag.pdf](http://paranagua.ifpr.edu.br/wpcontent/uploads/2013/12/ProjetoPol%C3%ADtico_Pedag%C3%B3gico_21_jan_2013_final_com-numero-pag.pdf)>. Acesso em: 12 de set. 2016.

IFPR. **PPC:** Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Mecânica. Autorizado pela Resolução nº 78/2011 do Conselho Superior. IFPR: Paranaguá (PR), 2012. Disponível em: <<http://paranagua.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2013/12/PPC-Curso-T%C3%A9cnico-em-Mec%C3%A2nica.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações de sexo. IN: HIRATA, Helena et al. (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo.** São Paulo: UNESP, 2009.

LUZ, Nanci Stancki da. Gênero e profissões científicas e tecnológicas no Brasil. **Cadernos de gênero e tecnologia**, v. 5, n.19/20, p. 29-37, jul a dez/2009.

MARX, Karl. **Contribuição a crítica da economia política/Karl Marx:** tradução e introdução de Florestan Fernandes. - 2 ed.- São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MORAES, Maria Lygia Quartim. Usos e limites da categoria gênero. **Cadernos Pagu**, v.11, p. 99-105, 1998. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634466/2390>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

OLIVEIRA, Sidinei R.; PICCININI, Valmiria C. Mercado de trabalho: múltiplos (des)entendimentos. **Rev. Adm. Pública** [online], v. 45, n. 5, p. 1517-1538, 2011. ISSN 0034-7612. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122011000500012>>. Acesso em: 03 jan. 2016

PERROUT. Michele. **Minha história das mulheres.** Tradução de Ângela M. S. Côrrea. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SANTOS, Elza Ferreira. Entre reconhecimento e distribuição: que caminhos de justiça percorrem as mulheres que ocupam carreiras tradicionalmente masculinas. **Fazendo Gênero**, v. 9. , 2010.

SANTOS, Elza Ferreira. (Des)construções de gênero: a trajetória de uma mecânica, ex estudante do IF-SEIN. In: LUZ, Nanci Stancki, NASCIMENTO, Décio Estevão do, QUELUZ, Matilda Lopes Pinheiro (Orgs.). **Tecnologia e sociedade:** transformações sociais/ organização. Curitiba: Ed. UTFPR, 2011.

SCHIEBINGER, Londa. **Mais mulheres na ciência:** questões de conhecimento. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 15, 2008.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.



**Recebido:** 11 out. 2018.

**Aprovado:** 06 mar. 2019.

**DOI:** 10.3895/cgt.v12n39.8931

**Como citar:**

SURMANI, Josiane de Souza; TORTATO, Cíntia De Souza Batista. Curso E.M.I Técnico em Mecânica: o estágio e a questão de gênero. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v.12, n. 39, p. 210-224, jan./jun. 2019.

**Correspondência:**

Josiane de Souza Surmani. Rua Diamantina, n. 30, Jardim Ouro Fino. Paranaguá/ PR, CEP - 83215-704.

**Direito autoral:**

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

